

UFF – Universidade Federal Fluminense

ICHF – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia

Departamento de História

Professor: Marcos Alvito

Aluno: Bruno Marques Silva

Disciplina:

# *HISTÓRIA ORAL*

## **Projeto: “Trabalho e identidade ? Trabalhadores no Brasil do século XXI – uma pesquisa de história oral” .**

**Entrevistado: Luiz Henrique de Araújo Seara**

**Local: Rio de Janeiro**

**Entrevistador e transcritor: Bruno Marques Silva**

**Data: 26 de novembro de 2004**

B.M. – Vou entrevistar aqui o Luiz, um trabalhador brasileiro. Primeiro te agradecer pela entrevista, pela concessão, pela atenção, e Luiz... Eu queria começar te perguntando, já que eu quero saber um pouco mais da tua história de vida, que você começasse a falar sobre os seus avós, os seus pais, onde você morava, tenta dizer para mim a trajetória da tua vida, alguma coisa que você ache marcante...

L.H. – Os meus avós por parte de pai, eu não conheci, não conheci nenhum dos dois, por parte de mãe eu conheci o meu avô, a minha avó, minha bisavó, ela viveu até os 105 anos de idade, ela não gostava de tirar retrato, era a avó Rosa, cheguei a morar com a minha avó, quando o meu avô faleceu, uns 3 anos, é, é que nem isso, parte de mãe, seu Salvador e dona Rosa, eu conheci, e pai, nenhum dos dois, já eram falecidos, entendeu?

B.M. – E os seus pais ?

L.H. – Meus pais são falecidos todos os dois, meu pai morreu com 44 anos, eu tinha 16 anos, ele morreu de câncer, câncer na garganta, eu estava trabalhando quando ele faleceu, eu recebi uma notícia muito triste, eu tive que..., a minha mãe estava viajando, eu estava sozinho, aí eu tive que ficar na casa da minha tia porque ele morava com a minha tia lá na Ilha, aí não deu nem tempo de eu avisar a minha mãe que o meu pai tinha falecido, eles eram separados, aí, tudo bem, a minha mãe eu perdi ela quando a minha filha tinha três meses, eu recebi também a notícia que ela teve um derrame, aí a minha irmã me ligou e falou: - “Luiz, a mamãe está com derrame, está no Salgado Filho, eu estive lá, ela estava praticamente já legal para ir para casa, aí a pressão dela aumentou, ela tinha problema de pressão alta, estava 22 por 18 mais ou menos, aí não deu para receber alta, aí não deu para sair, ela se internou na quarta-feira, na quinta-feira, estava mais ou menos, na sexta-feira piorou e aí, no sábado, às sete horas da manhã, eu recebi a notícia que ela faleceu.

B.M. – Você falou que os seus pais eram separados...

L.H. – Separados...

B.M. – Você morava com quem?

L.H. – O meu pai se separou da minha mãe eu tinha 10 anos de idade, aí o que acontece? A minha mãe tinha que trabalhar, o meu pai, ele era bem dizer um alcoólatra, bebia muito, entendeu? Aí eu fui morar com os meus avós, em Cabo Frio, foi na época em que o meu avô faleceu também, aí eu peguei e fiquei morando com a minha avó, por um bom tempo, aí... Cabo Frio é um lugar assim, para você passar tempo, não é para morar lá, entendeu? Aí eu falei: - “mãe, eu quero voltar, quero ficar com a senhora”. Aí eu voltei, tinha 14 anos,

comecei a trabalhar, ela arrumou um emprego para mim para trabalhar em um negócio de entregar papelzinho de um negócio de ouro qualquer lá no Méier, aí comecei a trabalhar, dali, eu trabalho até hoje, tenho 37 anos, trabalho a 21 anos mais ou menos...

B.M. -... desde os 16 anos?

L.H.-... desde os 14 anos.

B.M. -... 14 anos.

L.H. – O certo mesmo é desde os 12 anos, entendeu? Mais de carteira assinada, desde os 14 anos.

B.M. – Doze anos que você já fazia...

L.H. – Aí, eu trabalhava no Méier entregando papelzinho, negócio de ouro qualquer, ali para a Caixa Econômica, entendeu? Aí, o meu emprego de carteira assinada... Aí, tinha uma vizinha, era muito legal ela, aí a minha mãe conhecia ela, foi e perguntou se ela conseguia um emprego no trabalho dela, aí ela me arrumou um emprego, foi o meu primeiro emprego de carteira assinada, na Rua Buenos Aires. 84 – 2º andar, na (Recop Cópia Heliográfica), uma firma de copiadora, entendeu?

B.M. – E, esse tempo de Cabo Frio, com os seus avós, você ficou até que idade?

L.H. – Eu morei com a minha avó de 10 anos, de 9 anos e pouco até quase 12 anos, entendeu? Quando eu pedi para a minha mãe para voltar, a minha mãe era separada, aí eu... A minha mãe também tinha muito problema, entendeu?, ela tinha problema de, problema de mulher, doença, aí eu disse: - “não, eu quero voltar para ajudar a senhora, e de lá para cá, eu trabalho até hoje, nunca fui mandando embora, duas firmas que eu trabalhei só, com carteira assinada, eu pedi demissão, que eu arrumei uma coisa melhor e estou até hoje.

B.M. – Certo. Então você morava, você morou em Cabo Frio, com seus avós...

L.H. -... Não é bem dizer Cabo Frio, é entre São Pedro d’Aldeia e Cabo Frio, entendeu? É 2 quilômetros depois de São Pedro d’Aldeia, para chegar em Cabo Frio, o sítio que o meu avô tinha, um sítio grande, entendeu?

B.M. – Certo. E quando você voltou para o Rio e começou a trabalhar você morava...

L.H. -... Em Quintino.

B.M. -... Quintino, e trabalhava...

L.H. -... Sempre morei em Quintino.

B.M. – E trabalhava no Méier?

L.H. – No Méier, ali, em frente a estação ali do Méier, entregando aqueles papelzinho negócio de ouro qualquer, porque hoje tem mais aquilo, não se vê

mais, na Caixa Econômica antigamente se via muito, entendeu? É, o pessoal, como é que se diz? Empenha um ouro qualquer, e o pessoal às vezes não tem dinheiro para pegar, e tem aqueles compradores negócio de ouro, entendeu? Aí, para não ficar à toa, um emprego para ganhar um salário mais ou menos, eu comecei a trabalhar.

B.M. – Isso é raro hoje em dia?

L.H. – Não, hoje em dia não tem, não se vê, eu nunca mais vi, de lá para cá nunca mais vi ninguém entregando esse negócio, o que tem é aquele entregador de papel, entendeu? Mas não se vê mais o pessoal na porta da Caixa Econômica fazendo isso, eu nunca mais vi.

B.M. – E, escola...

L.H. - É, estudei aqui no Rio, aí eu fui para Cabo Frio, estudei um pouco lá, depois eu voltei, e estudei, aí arrumei esse emprego, aí comecei a trabalhar de mensageiro, sempre saindo um pouquinho tarde, aí desanimava, não terminei os meus estudos todos, entendeu? Tenho muito mal o segundo grau completo.

B.M. – E a lembrança que tem da escola, um professor marcante?

L.H. – Tem, tem uma professora no colégio Haiti, uma professora da segunda série, gostava muito de mim, tem também o professor Célio também, que o professor ele não levava nada, só o giz, ele sabia tudo, quebrava pau e andava de um lado pro outro, aquele professor ali era terrível, eu acho que pelo tempo, aquele ali deve ter mais de 100 anos, naquela época ele já tinha 80 e poucos anos, ali ele já sabia tudo, ele só levava só o giz, professor de Geografia, perguntava a ele, ele dava uma aula... Ali a gente olhava e ele escrevia no quadro também, a mesma coisa, não tenho muita lembrança assim...

B.M. – E o seu pai, trabalhava em que?

L.H. – O meu pai ele tinha, ele era sócio ali na... em Madureira, ali na... perto da estação de Madureira, entendeu? Uma lanchonete, ele era sócio, mas o meu pai bebia muito, ele gostava muito de beber, fumar, tanto é que ele morreu de câncer, foi por causa do cigarro dele, ele fumava muito, acendia uma carteira atrás da outra, eu até me arrependo quando ele estava com câncer na garganta, ele me pedia pelo amor de Deus para fumar, mas o médico não deixava ele fumar, ele estava para morrer mesmo, eu não... eu se fosse outro, eu até tinha dado cigarro para ele não, sabia que ele ia morrer de câncer, o cara estava implorando por causa de um cigarro, não tinha, entendeu? Não sei se eu me arrependo de ter dado a ele, mas o médico não podia dar para ele, morreu novo, com 44 anos...

B.M. - É, eu tive um problema parecido, com o meu avô.

L.H. – Ele também teve... isso aí foi um dos problemas dele, ele também teve cirrose, foi tuberculoso, ficou internado, graças a Deus eu não fumo nem bebo, cerveja eu não gosto, cerveja eu realmente não gosto, mas se tiver uma festinha, uma batidinha, eu bebo, mas o restante..., fumar... olha, na minha casa cinzeiro, tinha esse cinzeiro aí, porque estava aí de enfeite... a minha mãe quando vinha aqui ela nem fumava dentro de casa, eu falava para ela que eu não gostava, entendeu? Mas..., é isso aí.

B.M. – Então eu dei sorte com o cinzeiro aí...

L.H. -É, deu sorte...

B.M. – É... Sua família hoje, conta um pouco, como você conheceu a tua esposa...?

L.H. – A minha esposa, a Cláudia, eu conheci trabalhando no meu segundo emprego, foi em 90 que eu conheci ela, ela era sobrinha do dono da firma, entendeu? Aí eu trabalhava já com ele há bastante tempo, trabalhava na outra empresa dele, trabalhei 7 anos e pouco na outra empresa, ele desmanchou a sociedade, aí ele me chamou para trabalhar com ele, aí eu pedi demissão de lá, aí fui trabalhar com ele nessa empresa, é a que eu trabalho até hoje, é meu bico, entendeu? Que eu pego muito serviço por fora, estou lá até hoje. Aí eu comecei trabalhando lá com ele, aí a gente se gostou um do outro, assim, mas ele, aquele negócio, não quer que namora funcionário, entendeu? A gente trabalha, a gente queria namorar, aí, o que acontece? resolvemos nós dois pedir demissão, ela pediu demissão em um mês e eu pedi no outro, aí ele : - “poxa, porque você está pedindo demissão”? – “ah, eu quero abrir um negócio, eu quero sair”, entendeu? aí saímos nós dois, mas ela saiu em um mês e eu saí no outro, nós não tínhamos nem emprego em vista nem nada, mas, poxa, a gente gostava um do outro, não tinha nada a ver, não é? Ele achava que só porque ele era o dono da firma e ela era a sobrinha, eu queria subir na firma, aí eu vejo que hoje não tem nada ver, graças a Deus eu tenho aqui o meu outro emprego que eu trabalho há 12 anos, entendeu?

B.M. – E vocês casaram em quanto tempo?

L.H. – Casamos, começamos a namorar foi, me lembro até hoje a data, é 11/08/68, não, foi 28/11, foi 10 dias depois do meu aniversário, em 91, aí casamos em 95... Casamos em 95 e estamos até hoje, vamos fazer, o ano que vem 9 anos de casado, tenho uma filhinha de 5 anos...

B.M. – Sua filha, então, foi depois de...

L.H. – Casamos em 95, a minha filha nasceu em 99, 4 anos depois, entendeu?

B.M. – Sim. Vou fazer uma pergunta um pouco delicada: você se considera religioso, tem alguma religião?

L.H. – Olha... Eu acredito em Deus, cara, eu vou ser sincero para você, eu acredito em Deus, eu não sou contra a nada, cristão, católico, nada, eu gosto da católica, entendeu? Vou a igreja católica, mas, cada um com o seu cada um, para mim não tem isso, eu não frequento porque eu não tenho tempo, se eu tivesse tempo, eu teria até frequentado, de vez em quando as pessoas falam: - “pô, vamos marcar, vamos lá de vez em quando na igreja domingo”, eu não tenho tempo para ir, entendeu? É porque eu trabalho à noite e chego cansado do trabalho, também domingo eu quero ficar com a família, tenho pouco tempo para ir a igreja.

B.M. – Mas teve, você pode dizer que teve alguma época que você foi mais apegado à religião?

L.H. – Não, não é apegado, quando a gente é novo..., onde eu morava em Quintino, tinha lá na..., É católico, porque a gente era da cruzada, entendeu? Eu ia muito a igreja, eu tinha os meus 14 anos, mas depois disso... Cada um tem sua religião... Não tenho nada contra, falo até nisso aí, sem medo.

B.M. – E... Nessa trajetória que você me contou, um pouco da sua trajetória, como você foi escolhendo a tua profissão, o que eu queria saber? Algum exemplo na família, alguém te aconselhou, você viu algum outro exemplo para escolher o que ia fazer?

L.H. – Não, por exemplo, o meu primeiro emprego eu tinha..., Eu ia fazer 15 anos, aí eu era mensageiro, aí foi, o que acontece? Eu, infelizmente, eu quebrei a perna, aí me deram a oportunidade de trabalhar lá dentro, aí eu comecei a trabalhar como operador de máquina de xerox, aí eu trabalhei..., Aprendi a trabalhar na xerox, fiquei trabalhando, trabalhei lá na Petrobrás, fui contratado lá, 1 ano e pouco, aí acabou o contrato da firma, aí fiquei, de xerox, entendeu? Fui levando, fui levando, fui levando, aí chegou em certo ponto que eu falei assim: - “ah, estou um pouco enjoado, vou ver se eu mudo, aí tirei uma ata para trabalhar de segurança, aí a minha mãe reclamava muito: - “oh, essa época está morrendo muita gente com negócio de carro forte”, aí ficou me perturbando com aquilo, aí foi quando eu pedi demissão do... eu e minha esposa, do meu segundo emprego, aí essa barra desse meu emprego foi uma coisa mesmo que às vezes a gente conta assim e não acredita porque, a minha vizinha, tudo com vizinha, não é? Ela falou para a minha mãe: - “pô, pede para o Luiz chamar..., - esse aí foi o meu emprego atual - pede para ele chamar o Almir”, o Almir é um rapaz que trabalhava em uma lanchonete lá em Quintino, falando que a vaga dele tinha saído, aí eu cheguei, e fui lá chamar ele: - “pô, Almir a sua vaga, a Sandra falou que a sua vaga..., - a Sandra é a recepcionista da Nadir Figueiredo, ela até saiu de lá – a sua vaga tinha saído na Nadir Figueiredo”, aí ela chegou e eu fui lá chamar, aí ela falou assim para mim: “- oh, Luís, avisa a ele que é à noite, a gente quer o turno da noite”, geralmente quando a gente começava na Nadir Figueiredo, começava à noite, ninguém gosta de trabalhar à noite. Aí eu cheguei para chamar ele, ele falou: - “pô, Luís, avisa a ela que eu não estou querendo não, que à noite, estou casado, aí fiquei com aquilo na minha cabeça, vou tentar, aí falei: - “pô, Sandra...”, aí fui lá na casa dela. Cheguei na casa dela, aí fui falar com ela, aí ela: - “pô, sacanagem, arrumei essa vaga para esse cara há um tempão”, aí chegou, eu falei para ela: - “pô, posso ir no lugar dele”?, aí ela falou assim: - “ué, pode, mas qual é a sua idade”? Eu devia ter 25 anos na época, ela falou: - “é que lá tem uma norma agora que só pode trabalhar acima de 30 anos”, aí eu falei: - “porque? Qual é o problema”? - “é porque 25 anos..., é porque trabalha à noite, trabalha Natal, não tem feriado, não tem carnaval, é 6 por 2, é um plantão, plantão... Aí ela falou assim: “só pode trabalhar acima de 30 anos, porque as pessoas são mais responsáveis...”, aí eu falei: - “eu tenho 25 anos e trabalho desde os 14 anos, eu trabalho há 10 anos com carteira assinada, sempre um cara responsável, não sou casado, sou responsável, aí ela disse assim: - “bom, vamos lá”. Aí marquei com ela..., aí eu vim para a Nadir Figueiredo. Cheguei aí, o que aconteceu? O responsável me barrou, falou que só queria acima de 30 anos, aí não me recebeu, aí na hora de ir embora da firma, aí quem eu encontro? Um colega meu, que morava em Quintino, ele era estagiário lá, aí conversando com ele, ele falou: - “pô, você está querendo emprego”? eu falei: - “não é querendo emprego, eu vim ver como que é esse emprego”. Aí eu cheguei, eu cheguei para falar com ele assim: - “pô, tem um senhor aí, que o José Antônio, ele não quer aceitar acima de 25 anos porque acha que não tem responsabilidade e tal, aí ele falou para mim assim: - “ó,

esse aí já está na bola da vez de ir embora, porque ele é muito... Só quer botar pessoal dele, ele botou essa norma aí, ninguém está gostando, isso foi em junho, aí o que acontece? Aí eu cheguei... E quando eu fui entrevistado, fui eu e um senhor, o senhor tinha 62 anos, aí eu falei: - “pô, eu com 25 anos, todo..., na flor da idade para trabalhar, um cara com 62 anos, pô, tomar a minha vez...” não é questão de ter 62 anos, entendeu? Aí eu cheguei, fiquei até meio chateado, aí eu falei para ela: - “não, não esquenta a cabeça não, eu vou arrumar outra coisa”. Aí ele chegou e falou assim: - “não, espera que esse rapaz, esse José Antônio vai ser mandado embora”, aí eu falei: - “tudo bem”. Aí quando foi já..., foi em novembro, eu entrei lá em 22 de novembro de 93, aí quando foi dia 20, ele falou assim: - “pô, Luís, eu acho que o teu emprego saiu, porque esse rapaz saiu, aí eu vou te colocar na empresa lá, vou te colocar não, vou mandar você fazer uma ficha e ver se ele te chama, aí fui lá dia 20, aí depois ele me chamou, aí ele falou..., aí o que acontece? aí o Felipe perguntou, porque ele já era chefe na época, aí perguntou se eu queria passar para o dia, aí ele disse: - “não... O cara é novo... Você tem trabalhar à noite logo de cara”, entendeu? vou trabalhar à noite, depois lá dentro eu resolvo, passo para de manhã, aí eu comecei a trabalhar lá, à noite, comecei a trabalhar, aí eu com..., isso foi em 93, aí eu já estava pensando em casar em 95, 94, aí trabalhar à noite, casado, pouco tempo assim, aí falei assim: - “pô, vou ver se eu passo para o dia”, aí fiquei conversando com Gérson Brever, que era o meu chefe na época, aí ele falou assim: - “tem onze pessoas na tua frente, para passar para a manhã”, então tá, eu sou a décima segunda pessoa, eu espero essas outras passar mas eu não quero ir para a tarde, são três turnos : é de 14:00 às 22:00, de 22:00 às 6:00 e de 6:00 às 14:00 horas, aí eu falei: - “não, eu sou a décima segunda pessoa eu espero, espero pintar essa vaga para mim”. Aí o que acontece? esse rapaz que me colocou lá, pintou uma vaga no setor dele, onde que eu trabalho hoje, na vaga de fabricação, eu trabalhava na parte da escolha, onde, por exemplo, o copo saía, a gente escolhia o copo e colocava dentro da caixa, e essa parte de fabricação é a parte que fabrica o copo, a parte que paga melhor, entendeu? Eu não entrei na época porque não tinha vaga, aí chegou o meu chefe, o Paulo Afonso: - “pô, Luís, a sua vaga saiu para de manhã”, aí eu pô: - “beleza”. Aí logo 7 horas da manhã, quem eu encontro? o meu chefe, o Gérson Brever, aí eu fui agradecer a ele, eu falei: - “pô, Gérson, valeu, valeu por ter me passado para o dia, tão rápido assim”, aí ele falou: - “se dependesse de mim você ainda estava trabalhando à noite, você está passando para o dia porque o teu peixe, - porque lá se fala que é peixe - o teu peixe te jogou lá para outra área”, aí eu falei: - “pô, melhorou ainda, o meu salário ia dobrar, ia trabalhar na parte de fabricação, trabalho lá, estou há 11 anos lá, entendeu? nesse meu último emprego, é isso, entrei como servente, passei a ajudante, agora sou operador de máquina, tem a oportunidade de passar à supervisor, tem chefe de turno, entendeu? Mas, é mais pelo tempo de casa, quem tem mais experiência, entendeu? Aí eu estou lá, tem 11 anos que eu estou lá nessa empresa.

B.M. – Então hoje você é operador de máquina...

L.H. – Operador de máquina.

B.M. – Me explica, mais ou menos, como é a tua rotina, o que é isso, você chega, faz...

L.H. - Operador de máquina, o que acontece? Eu trabalhei 10 anos de manhã, aí eu agora pedi para ir para a noite, porque à noite está mais tranquilo,

entendeu? De manhã era também para ficar junto com esse segundo emprego, porque fica melhor, porque eu saio de manhã, vou para o meu outro emprego, chego em casa 4 horas, não dava para eu dormir, não estava dando para eu ter os dois empregos, entendeu? E não estava dando para ter os dois empregos, entendeu? Não estava dando para ter os dois empregos, estava muito sacrificante, aí eu passei para a noite, a minha rotina é o quê... O meu chefe tem aquela... É o Júlio César, e tem aquela: “Olha só, vamos ter que descer com 15 para as 10”. Por que o pessoal já... Na hora da rendição, o que acontece? Trabalhamos com produção, a máquina. Ele já não está... Há 8 horas de trabalho já não está olhando a máquina 100%. Então se você chegar tarde, o que acontece? Ele vai passar a máquina para você dando “tchau”. Se você chegar no horário, você... Isso é normal. Se você chegar 15 minutos antes, o cara vai falar assim: “Durante o turno, deu esse problema. Deu isso, deu aquilo...” Aí você já sabe que... Se você chegar 10 horas, a mesma coisa sou eu. O rapaz chega 6 horas da manhã; ele também vem 6 horas, porque ele não quer chegar 5:45 para saber o que aconteceu durante o noturno. Então eu já estou dando “tchau” para ele, estou indo embora. Se ele quer... Ele está querendo saber como é que foi o noturno, então chega tarde para mim ver, para mim passar a máquina para ele. À noite, eu trabalho, eu chego... O que acontece? Eu estou à noite agora, eu não estou direto em máquina, estou em rendição. Rendição por quê? Para 6 dias, tem 2 dias de descanso, então eu tiro o descanso de 2 pessoas. Quando eles estão folgando, eu trabalho. A gente chega, tira um mostruário – são 24 copos – a gente fica olhando um botão na amostra – fala-se amostra – fica olhando os copos, se tiver algum defeito, a gente regula a máquina, se não tiver defeito, deixa ir embora... Não é bom ficar mexendo muito, quanto mais se mexe na máquina, pode dar problema... Então a rotina de trabalho é essa, é você... É fabricar copo, é evitar problema... É olhar, é... Tem muito... Existe muito barulho, você tem que trabalhar de óculos, trabalhar de capacete, de blusa de manga, uma quentura terrível... O problema todo é barulho, você não pode trabalhar sem protetor... E você não consegue conversar com a pessoa a 2 metros de distância, a pessoa não te entende, entendeu? Só mesmo parte de gesto, de... Entendeu? Só gesto. Então a pessoa fica do lado da pessoa, a pessoa... Um metro, não consegue... A pessoa falar, não dá para escutar. Tem que chegar bem no ouvido mesmo, 10 centímetros para falar, porque não consegue mesmo.

B.M. – O nome da empresa é...?

L.H. – É Nadir Figueiredo.

B.M. – E fabrica...?

L.H. – Fabrica copo. Aqui no Rio fabrica copo de requeijão. A gente sabe fazer também o copo esse 20 x 10, que é o copo americano... Em São Paulo não, em São Paulo é maior: faz garrafa, faz prato, faz xícara, faz... Porque aqui no Rio tem um *pool* só, em São Paulo são quatro *pools*: lá faz vidro mais escuro, vidro azul, vidro verde... Aqui não, faz só vidro claro, a nossa é copo de requeijão... Todo copo de requeijão feito no Rio de Janeiro, no Brasil, são nosso. Ninguém... Nenhuma empresa de vidro copia os nossos copos de requeijão... E é isso aí.

B.M. – Aquele copo que a gente conhece...

L.H. – É. Aquele copo, todo copo de requeijão é feito pela minha empresa...

B.M. – E nessa trajetória, até tu chegar a Nadir Figueiredo... Tu consegue me dizer, consegue lembrar, um local de trabalho, um ambiente, um colega, alguma coisa que marcou, que tu pensava, hoje tu pensa, que “ali eu tinha prazer, gostava daquele lugar, gostava daquele cara...”

L.H. – Vou ser sincero com você; eu gosto mais desse serviço que eu trabalho hoje, porque o que acontece: tem que ter responsabilidade, então tu não pode ter brincadeira. No outro emprego, eu era novo também – não é que eu tinha brincadeira – é porque ele não tem aquela responsabilidade de trabalhava fazendo xerox, encadernação... A gente “dobrava” muito à noite, trabalhava muito à noite, mas... Um colega meu – é até padrinho da minha filha – eu gosto dele “pra caramba”, um cara que, quando eu casei, eu falei: “Ó, não vou chamar você para ser meu padrinho não”. Ele ficou até chateado, não é? “Pô, cara, te conheço há um tempão...” Quando: “Eu vou te chamar para ser outra coisa...” “Pô, cara, eu quero ser teu padrinho!”. “Não, eu não vou te chamar para ser meu padrinho não”. Aí, quando a minha filha nasceu, eu chamei ele para ser o padrinho da minha filha. Pô, ele ficou mesmo... Meu amigão mesmo, também é batalhador também...

B.M. – Você trabalhou com ele quanto tempo?

L.H. – Eu trabalhei com ele... Quando eu entrei nessa empresa, a primeira empresa, na Recop, ele entrou como mensageiro. Eu já trabalhava lá dentro. Aí, o que acontece: sempre que tinha oportunidade, precisava botar alguém lá dentro, eu indiquei, para ele trabalhar comigo. Aí ele veio trabalhar comigo, ele foi... Aí ele foi passando de subgerente, entendeu, porque ele... Ele ficou ali na xerox, trabalhando comigo, mas depois foi crescendo, crescendo... Aí foi crescendo... subgerente. Mas é um amigão aí... E o que acontece: ele saiu da empresa, eu também saí. Saí da empresa, tinha 7 anos. Aí foi para outra empresa, nós dois também, de novo. Aí dessa segunda empresa ele saiu porque ele namorou a filha do dono da empresa. E ele já tinha outra, e o cara não gostava e mandou ele embora, entendeu? É o tio da minha esposa, hoje. Ele é meu amigão, está sempre aí, teve uma filhinha agora há pouco tempo... Tem dois filhos... Teve um trabalho comigo, há um tempo...

B.M. – E por que... Você tinha falado que gosta mais de onde tu trabalha hoje... O que melhorou, o que...?

L.H. – Melhorou tudo, não é, cara... Porque hoje eu consegui comprar um apartamento, coisa que eu não tinha, morava de aluguel... Não é meu também, ainda estou pagando com dinheiro, ainda estou pagando a Caixa Econômica, graças a Deus eu não moro num “bairrozinho”, eu morava... Não é questão que o Quintino seja pior do que aqui, mas o que acontece? Se você pensa em ter um filho, eu acho assim: se você tem um filho, você tem que procurar o melhor para o seu filho, não é? Procurar pelo menos um lugar que seja digno para ela morar, para estudar, entendeu? Aí, eu quando comecei a trabalhar na Cerqueira 33, eu pensei: “Eu vou ter um apartamento aqui, eu vou comprar uma casa aqui”. Aí eu comprei esse apartamento em 99, pouco antes de ela nascer... Faltava três meses para ela nascer, eu comprei esse apartamento, foi uma correria. Entendeu? Aí depois de 5 anos, eu consegui fazer uma boa reforma nele, uma reforma nele, bem bonita...

B.M. – A Nadir Figueiredo... Hoje você vê melhora, que te possibilitou...

L.H. – Claro, é uma coisa que, por exemplo: me dá um plano de saúde, é uma empresa que, final de ano, dá um brinquedo para o funcionário, dá um apoio para o funcionário... Esse negócio de passagem, antigamente eu tinha esse problema, dava passagem – hoje em dia eu moro do lado da empresa. É uma empresa que nunca atrasou um salário, nunca, realmente, atrasou o salário... Nunca deixou de cobrir nada para o funcionário. Não vou dizer que paga bem, mas paga razoável, dá para viver, entendeu? E estou até hoje lá, há 11 anos... Se pintar uma oportunidade, pode aparecer uma vaga de supervisor, depois pode passar uma vaga de chefe, não sei... Tem que esperar para ver se acontece. Então, estou de férias agora, nas minhas férias eu tenho um outro trabalho, trabalho de dia, é o meu segundo emprego. Eu vou quando dá também, ele sabe...

B.M. – Esse segundo emprego é qual?

L.H. – Esse meu segundo emprego, esse meu bico que eu trabalho hoje, era o meu segundo emprego, que eu conheci minha esposa. É porque ele sempre me falou: “Pô, Luis, quer me dar uma força aqui, você conhece bem o trabalho, trabalha há 20 anos...” Aí, eu... Eu ia mais na parte da tarde, mas agora estou indo na parte da manhã. Chego lá 8 horas, saio 4 horas, saio 3 horas, entendeu? Porque eu também tenho que dormir, senão não dá. Aí eu estou de férias nesse emprego da Nadir Figueiredo, aí eu indo estou lá sempre, agora. Não adianta ficar parado em casa. Não dá para tirar férias, minha filha está estudando... Não deu para tirar férias em janeiro, tentei tirar férias em janeiro, mas como tinha lá um programa, a gente faz para tirar férias... É isso aí.

B.M. – E nesse outro emprego, você faz o quê?

L.H. – Esse meu outro emprego que eu trabalho era o meu segundo emprego quando eu comecei a trabalhar na vida. Comecei a trabalhar em 99, na parte de xerox, entendeu? É uma copiadora, entendeu? Faz serviço de plotagem, serviço de acabamento de livro, plastificação, encadernação, serviço de...

B.M. – E é aonde?

L.H. – É na Evaristo da Veiga, 55, lá na cidade. Perto do quartel-general, está se mudando para o 161, é lá na cidade.

B.M. – Mas a Nadir Figueiredo te dá mais...

L.H. – Ah, claro... A Nadir... Estou lá há 11 anos, não tenho uma falta, nunca tive uma falta. Tive falta, quando eu me acidentei na empresa, cerca tem um ano e pouco que eu me acidentei, fiquei afastado 124 dias... Eu tive uma operação que eu fiz na vista... Mas falta nenhuma eu tenho.

B.M. – Aquilo que você falou, de ter perspectiva, de crescer, parece ser uma empresa séria, você se sente...

L.H. – Dá, dá oportunidade. É uma fábrica que dá para lutar sempre por... São duzentos e poucos funcionários, na época que eu entrei eram quinhentos e pouco, 525... Agora nós temos 290, 280... Mas falam: “Fábrica ninguém está olhando...” Está, se você trabalha direitinho... Sempre olhando. Você faz o seu que um dia pode pintar uma oportunidade.

B.M. – Essa redução de 500 para 200 foi por quê?

L.H. – É porque vai melhorando, não é? Antigamente, se trabalhava com 5 homens na linha. Hoje em dia, tem máquina tipo mais – como é que pode se falar? Antigamente era tipo trabalho manual, hoje é mais máquina, entendeu? Aí tem como ir reduzindo o quadro de funcionários lá... Na parte que eu trabalho hoje, tem um ajudante, um servente e um operador. Hoje em dia, é um operador só. Entendeu? No caso, no meu setor agora, trabalham 11 pessoas, 11 operadores. E antigamente tinha trinta e poucos operadores, trinta e poucas pessoas para trabalhar num setor. Porque as máquinas... Hoje é tudo moderna, não é, tudo vai mudando, tudo vai mudando... Você precisa de 3 horas para trabalhar, 3 funcionários para trabalhar na máquina. Hoje uma pessoa só dá pra trabalhar. Só mesmo quando a pessoa tem que ir no banheiro, aí o que acontece? Aí você chama o chefe, ou chama o líder que fica de fora, para olhar a máquina, para você ir ao banheiro, para você tirar o teu descanso, para jantar... E é isso aí.

B.M. – E desses, desses demitidos aí, substituídos pela máquina, foi algum camarada, algum amigo teu?

L.H. – Teve uma época lá que realmente... é empresa difícil, uma empresa difícil de mandar embora, são 5 máquinas rodando, ela ficou trabalhando com 3 máquinas, ficou um ano e pouco, um ano e três meses com 3 máquinas. O mercado ficou baixo, e não mandou ninguém embora. E aí teve uma época lá que ela pediu 2 pessoas, 2 pessoas de cada turma. E o que acontece? Lá é assim. Como é que manda embora? O funcionário faltou o Natal, faltou no Carnaval, aí você não pode, não tem como faltar. Se você faltar... Eu trabalho à noite. Se eu faltar à noite, tem que chamar uma pessoa de 2 às 10 para ficar no meu lugar. Não tem ninguém. Ninguém quer trabalhar à noite. A pessoa vai dobrar, e a pessoa não consegue, 8 horas é um jornada de trabalho muito grande, a pessoa não vai conseguir trabalhar 16 horas com aquele barulho, entendeu? E tem esse esquema, não é: a pessoa vai faltando, manda embora assim ó... a pessoa que falta, que chega atrasada, mas o resto é o... Tem também o lado profissional, o bom profissional, aprender muito isso, entendeu? O esquema é esse.

B.M. – Por que tu acha que se manteve aí, nesses cortes?

L.H. – Como assim?

B.M. - Por que esses cortes... Você conseguiu...

L.H. – Ah, sei lá... Eu, quando entrei, foi difícil para mim, porque eu entrei... Quando eu entrei nesse setor, o Seu Antônio Ferreira era o chefe da seção, o que acontece? Ele falou: “Luiz... o que mudou, Luiz? Eu aqui, eu nem coloquei meu irmão eu arrumei vaga. Eu estou falando para você por que eu te conheço, por isso é que se tiver que te mandar, eu vou te mandar embora. Você tem que ser um bom profissional. Se você for o pior, assim...

[FINAL DO LADO A]

B.M. – Luís, como é que era o nome desse chefe aí que tu falou, o ...?

L.H. – Antônio Ferreira.

B.M. – Antônio?

L.H. – Antônio Ferreira.

B.M. – E ele te chamou atenção para os cortes...

L.H. – Não, ele chegou... O que acontece? Ele é o chefe do responsável do chefe do turno, são assim: cada turno, são 3 turnos, cada turno tem 2 chefes; o turno da noite é o meu chefe hoje, que é o Júlio César e o Marquinho. O turno da manhã tem o Marcelo e o Fernandinho, e o turno da tarde é o Wellington e o Luís Fernando. O que acontece? Nessa época, ele diz assim: “Olha, eu tenho que arrumar 2 pessoas de cada turma para ir embora, que a empresa está pedindo 2 pessoas de cada turma para ir embora.” O que que tem que fazer? As pessoas... Tem piores, assim, em termos, a pessoa que não está dando conta do trabalho, ou então é que tem falta, entendeu? Eu, graças a Deus, não fui incluído nessa época. Aí, não fui incluído. Antigamente, não era perto de casa. De lá para cá, os cortes são normais, as pessoas pedem para sair também, alguém que já se aposentou, os funcionários mais antigos. Por exemplo: no meu setor agora tem 4 funcionários que está para se aposentar daqui a 2 anos, entendeu? À noite, eu sou a pessoa mais nova que tem lá, 11 anos... O resto do pessoal tem 15, 18, 23, entendeu? Tem bastante tempo de casa.

B.M. – Então tu vai fazendo a tua parte, e vai...

L.H. – É, eu vou fazendo a minha parte, é como ele falou: “Luís, você vai fazendo a tua parte.” É porque fica meio difícil também, o cara tem uma coincidência dessa; aí se eu tiver um corte, eu sou um mau funcionário, e quer me mandar embora, é uma coisa. Pega para ele, e pega para mim, entendeu? Então eu tenho que fazer a minha parte, eu estou fazendo a minha parte... Graças a Deus, até hoje... Deixei nada a desejar...

B.M. – Só o negócio do acidente.

L.H. – É o acidente que eu tive lá há pouco tempo, tem um ano, isso acontece. Pode não acontecer, mas acontece.

B.M. – Deu tudo certo...

L.H. – Deu, deu... Eu tirei um pedacinho da falange, uma chave cortou meu dedo, fiquei afastado 134 dias... Está tudo certo, acontece...

B.M. – E a empresa...?

L.H. – É... Todo mundo viu que pode acontecer com qualquer um... Isso já aconteceu com várias pessoas também... Entendeu? É uma empresa de risco.

B.M. – Legal. É... Quando tu começou a trabalhar, era mais novo, tu chegou a querer fazer alguma coisa que, por acaso, você não faz hoje, você tinha algum sonho...?

L.H. – Vontade eu tinha. É, até dá, não é?... Nunca é tarde demais, vontade de estudar, tenho que fazer uma faculdade, entendeu? Eu não tive oportunidade.

Porque também, é... Podia até fazer, tenho 36 anos, posso continuar a fazer, posso... Entendeu?

B.M. – Mas, você faria o quê?

L.H. – Se fosse hoje? Educação Física, eu gosto de esporte, entendeu? Gosto muito disso. Mas não parei para pensar ainda não.

B.M. – E quando era mais novo?

L.H. – Sempre tive vontade de ser bombeiro. Quando eu era novo, eu era meio maluco, negócio de subir em árvore, essas coisas assim, qualquer coisa... Até hoje mesmo, negócio de... Sou meio pesado assim, mas qualquer agilidade é comigo... Eu sempre tive vontade de ser bombeiro ou policial rodoviário, eu acho legal, policial rodoviário, entendeu? Mas só essa.

B.M. – Só essa. E esse horário que você pega, esses 2 empregos, como é que fica a tua rotina diária, tua família?

L.H. – É, fica meio puxado, eu perco muita coisa, entendeu? Eu pego de 10 da noite às 6 da manhã. Nesse eu trabalho, trabalho 6 por 2. Aí o outro emprego, eu... Como eu falei com o dono da empresa, eu vou quando dá para trabalhar. Tem semana que eu vou só 3 dias, entendeu? É porque um serviço de acabamento, fica encostado. Aí quando eu vou, eu agilizo bastante, entendeu? Adianta bastante, entendeu? Por exemplo: estou de férias, estou indo direto. Por exemplo: ontem eu fui 8 horas da manhã, saí 8 horas da noite. Mas quando eu estou trabalhando na minha outra empresa, eu não tenho condições de fazer isso. Eu chego lá 8 horas, saio 4 horas, entendeu? Dia de... Sábado e domingo eu trabalho. E essa empresa que eu trabalho, Nadir Figueiredo, trabalha sábado e domingo. Não tem Carnaval, não tem nada. É 6 por 2, eu estou tranquilo... É o primeiro ano que eu vou trabalhar Natal e Ano Novo, entendeu? Natal e Ano Novo vou trabalhar.

B.M. – Você trabalha 6 dias...

L.H. – 6 dias, fico 2 dias em casa.

B.M. – E lá então é... Na Recop, você trabalha...

L.H. – Não, agora é Reprorap.

B.M. – O quê?

L.H. – Reprorap. A Recop foi a primeira empresa que eu trabalhei.

B.M. – Desculpa. Exatamente. Você trabalha de 8 às 4 da tarde, depois você pega na Nadir Figueiredo...

L.H. – Não, aí eu venho para casa, descanso, pego 22 horas.

B.M. – Até...

L.H. – 6 horas da manhã.

B.M. – Cansativo...

L.H. – É, cansativo, mas tem que correr atrás, é... Porque um emprego só não está dando, tem colégio, estou pagando minha casa ainda, quando acabar de pagar minha casa, eu vou pensar em ficar só na Nadir Figueiredo.

B.M. – Mas, de toda maneira, como você vê, mesmo com essas... esses obstáculos, você vê o antes e o depois como... do seu trabalho? Apesar do cansaço dos horários, como você vê o começo da tua trajetória, e hoje, não é?

L.H. – É cansativo, não é? Cansativo...

B.M. – Mas está mais fácil hoje?

L.H. – Ah, está, está mais tranqüilo. Você acostuma, você acostuma com a rotina do trabalho, você pega mais... Por exemplo, as manhas das máquinas, você não trabalha muito... Quando você começa a trabalhar, o que acontece? Tem dia que eu chego no meu setor de trabalho, eu não faço nada, fico só olhando a máquina trabalhar. Aí tem como descansar, entendeu? Tem como descansar, porque quando você está começando no trabalho, você vai ter que... Até você aprender as manhas todinhas da máquina, vai para lá, para cá... Agora não, eu chego, já fico olhando, já sabe onde está o defeito, onde pode dar o defeito, onde não pode dar... Entendeu? Um dia, por exemplo, eu boto, janta... e vou trabalhar... Tem dias que eu trabalho, quando a gente chega lá... Tem gente trabalha de 10 horas da noite às 6 horas da manhã. A minha parte é produção. A minha máquina faz 500 cópias, dúzias por hora. E é tudo contado, porque se eu não mostrar números, o meu chefe vai perceber que aquilo não está no papel, por hora, entendeu? Eu não passo nem uma hora...

B.M. – E a tua parte, a tua máquina faz o acabamento do copo, é isso?

L.H. – Eu faço o copo.

B.M. – E tem uma outra...?

L.H. – Não, é assim: uma máquina é o forno que... é o forno que derrete o vidro, e eu só... A minha parte no trabalho é... Eu faço copo, entendeu? A máquina que produz o copo, aí passo o copo para frente, aí tem outra seção que a escolha – no caso, seria a escolha – ela escolhe o copo, bota nas caixas, para liberar, entendeu? Essa é a segunda parte, é a parte da escolha. A minha parte é a parte da fabricação, eu fabrico copo.

B.M. – Certo. E, apesar das dificuldades, como você enxerga aí pelas notícias, pela televisão, o mercado de trabalho, e como é que você vê essa situação de desemprego...

L.H. – Por esses dias – eu estava até comentando – que a situação realmente está ruim... Eu trabalho na cidade, eu vejo filas de emprego para ganhar um salário e meio... Para você – como é que se diz? – vale-transporte, só dá vale-transporte, entendeu? Eu acho também que está difícil. Emprego tem, não é, mas tem que ter... Mas você tem que ter um primeiro grau... Um segundo grau... Você tem que ter mesmo um nível superior, entendeu? Porque hoje em dia está...

B.M. – Tu vê tua situação...

L.H. – É. Tem que correr atrás, entendeu?...

B.M. – Mas em relação ao mercado...? Você se sente seguro?

L.H. – Graças a Deus, seguro. Estou legal lá... Está dando para levar, não é?

B.M. – Mas, perspectivas de crescimento...

L.H. – Ah, claro, claro... Tem que dar um gás... A empresa dá vários cursos, entendeu? Curso de brigada... Tem vários cursos que você pode subir na empresa.

B.M. – Então hoje você pode dizer, como é que você falaria dessa tua trajetória de trabalho, as escolhas que você fez, elas corresponderam exatamente ao que você queria, ou...?

L.H. – Olha, eu acho que poderia ser melhor, não é? Mas, chegou a esse ponto, acho que... Já tenho 20 anos de carteira assinada, acho que é difícil mudar, entendeu? Posso até mudar, entendeu, mas... acho difícil. Espero melhorar na empresa que eu trabalho, espero passar para supervisor, chefe de turno, entendeu?

B.M. – Você conhece alguém que não trabalha com carteira assinada?

L.H. – Que não trabalha? Eu mesmo não trabalho com carteira assinada no meu segundo emprego, entendeu? Eu tenho o meu emprego de carteira assinada e não trabalho de carteira assinada nesse meu segundo emprego. Mas também não pode... Antigamente, assinava duas carteiras; hoje em dia, não pode.

B.M. – Hoje em dia não pode não, não é?

L.H. – Mas também tem muita gente que trabalha sem carteira assinada.

B.M. – E tu sabe, tu conhece essa situação...?

L.H. – Conheço. Na Nadir não, na Nadir tem que trabalhar. Assinada tem, se tivesse uma contratada, entendeu? É o que eu te falei: na Nadir Figueiredo mudou, eram 520 funcionários, agora tem duzentos e pouco. Agora tem muitas firmas contratadas; para fazer limpeza, é firma contratada; parte de manutenção de algumas peças, é firma contratada, entendeu? Se for contar, é quinhentos e poucos funcionários, entendeu? Tem um custo... Mas o funcionário, para a firma contratar um funcionário, acho que ela paga quase uma vez e meia do serviço...

B.M. – É o que a gente chama de terceirização...

L.H. – Terceirização. Aqui e em São Paulo; em São Paulo é a mesma coisa. Mas em todo o lugar está assim; a Petrobrás onde eu trabalhava. Eu trabalhei na Petrobrás assim por um ano e seis meses. Eu era contratado. Eu fazia o mesmo trabalho para a pessoa, um funcionário, que ganhava quase dez vezes o que eu ganhava. Datilografia. Meu salário, na época, se fosse 500 reais, ele ganhava 5.000 reais. E eu fazia mesma coisa que ele, entendeu? Aí eles tiveram que mudar de cargo, fazer outro tipo de coisa. Mas está certo, a

peessoa tem que subir, não é, cara? A pessoa tem que... As empresas hoje... Tudo custo... Custo alto.

B.M. – Quando tu vê a tua situação, carteira, dando aí para o teu sustento, como é que você se sente em relação...?

L.H. – O meu sustento em casa?

B.M. – O teu sustento, até tua segurança, como é que você vê, segundo o mercado de trabalho que de repente não está, as pessoas não estão tendo essa oportunidade... Como é que você se sente...?

L.H. – É, eu me sinto até seguro, não é, cara?

#### [INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]

L.H. – Nunca estou seguro, não é? Graças a Deus está dando para mim levar uma vida normal... Não dá para nenhum luxo, mas minha filha, graças a Deus, está num colégio particular, faz o balé, faz a natação... O meu serviço não é... de uma hora para outra posso ser mandado embora, pode pintar um problema, fechar aqui, porque em São Paulo... A sede de São Paulo é bem maior, entendeu? Aqui até falaram em fechar, uma vez, na diretoria, mas acredito que não fecha não.

B.M. – E o que seria o luxo para você? E o que seria o luxo para você?

L.H. – Luxo? Para mim ter um luxo? Cara, eu tenho uma casa; eu até tive vontade de comprar um carro, mas preferi juntar dinheiro e comprar um apartamento. Tenho vontade de ter uma casinha de praia, entendeu? Para mim passar final de semana, casinha de praia.. Até eu posso fazer um esforço e comprar um carro, o que pega é que eu tenho que pagar a minha casa. Com certeza... Eu também tenho que comprar um carrinho, eu estou com 38 anos, eu já estou ficando meio velho, não é...

B.M. – Tu falou da tua filha, não é? Do colégio... Como é que você pensa do futuro dela...?

L.H. – É, também tem isso, não é? Ele vai ser... Ela está fazendo natação, balé, tem inglês, daqui a pouco tem faculdade, não é... Tem que pensar nisso também...

B.M. – O que você vislumbra para ela aí, no futuro?

L.H. – Ah, é tentar dar para ela o que eu não tive, entendeu? Tentar dar o máximo. O que tiver que dar para ela, para mim não... Se tiver de andar a pé, de ônibus... Se tiver de pagar uma faculdade paga, com certeza eu vou tentar, com certeza... Fazer um esforço, se tiver que ter outro emprego... Trabalho de garçom à noite também... Fiz muito trabalho de garçom... Antigamente eu trabalhava de garçom...

B.M. – Isso foi em que época?

L.H. – Isso foi na época que eu trabalhava de manhã. Mas o que acontece: eu trabalhava de garçom, mas às vezes as festas terminavam 3 horas da manhã,

e eu tinha que ir para casa para trabalhar 6 horas da manhã. Era muito puxado. Mas também final de semana, dava para segurar, entendeu? Aí tinha festa que acabava cedo, aí eu trabalhei de garçom também.

B.M. – A sua filha já era nascida?

L.H. – Não, não. Era quando eu comecei a juntar dinheiro para comprar minha casa, foi em 87, 88... Eu estava juntando dinheiro, apareceu a oportunidade de trabalhar como garçom... E não estava aparecendo oportunidade... Eu trabalhava também... Comigo não tem esse negócio não: está para ganhar dinheiro, se tiver que fazer alguma coisa, eu faço. Ficar parado eu não fico não.

B.M. – Por ela, então...

L.H. – Ah, com certeza. Se tiver de trabalhar aposentado, eu trabalho... Tudo que der para dar para ela... É o que eu falei para a minha esposa: “Vamos ter só um filho.” Que adianta ter dois e não conseguir dar uma boa educação? Pela minha esposa, ela quer ter 3, 4, mas não dá... [risos] Se pudesse, eu tinha 10.

B.M. – E... as tuas perspectivas... O que você pensa para você, para a tua família...?

L.H. – Para mim, eu estou com 21 anos de carteira assinada. Esse Fernando Henrique aí falou que eu só posso me aposentar com 53 anos... Se eu só for me aposentar com 53 anos, eu vou ter que trabalhar mais uns 14 anos... Pela minha contagem, eu teria que trabalhar mais uns 8 anos, mais ou menos... Porque essa parte é insalubridade, entendeu? É comprar uma casinha de praia para mim, do que jeito que... Casinha de praia, assim, em termos... Para eu passar o tempo, passar um final de semana... Dar uma boa educação a minha filha... Uma faculdade...

B.M. – Você falou de insalubridade. Me explica o que que é isso.

L.H. – Insalubridade é... Você trabalha num lugar, por exemplo, são 25 anos de carteira assinada. Porque o que acontece? O meu trabalho, é muito ruído, barulho. Então foi... Isso é lei mundial, entendeu? Você... É que nem uma pessoa que trabalha com base de tirar raio-x, acho que são 15 anos de carteira assinada, porque é muito perigoso trabalhar mais tempo. O meu trabalho é 25 anos; você trabalhou 25 anos naquele trabalho, tem que sair. Porque senão pode prejudicar, você pode ficar surdo, entendeu? Então é insalubridade. Trabalho já 11 anos com insalubridade, você trabalha 10 anos insalubre... Aí, são 25 anos de trabalho, mas há pouco tempo lá veio uma ata dizendo que a pessoa só pode se aposentar com 53 anos de idade. Aí deve passar de 25, pela minha contagem vai passar de 25 anos, mas...

B.M. – Certo. Tu falou da sua trajetória, você falou do seu trabalho atual, você falou da tua família, tuas perspectivas, para você, para tua filha, para tua família... É... Me responda: o que é, para você, ser trabalhador?

L.H. – Para mim o que é ser trabalhador? A pessoa tem que trabalhar, cara, confiante, tem que ter confiança no que está fazendo. Achar que: “Ah, nunca vai aparecer oportunidade...” Vai, sempre vai aparecer. Pelo o que eu já passei, eu trabalho numa empresa grande... “Ah, nunca vai aparecer uma oportunidade

de eu subir nessa empresa.” Pode ter certeza que vai. Porque quando eu entrei... Quando eu entrei nessa empresa, eu era servente. E eu trabalhei como servente... Quando entrei nessa empresa... “Depende de você, para você subir nela.” Eu trabalhei 6 meses como servente, aí passei para ajudante, trabalhei mais 3 meses e passei para operador. E tinha muitos funcionários lá que ficavam 7 anos como servente porque achava que não tem mais possibilidade de você chegar, você subir, e não ter responsabilidade de coragem de encarar uma responsabilidade... O que acontece: nós trabalhamos com produção. Às vezes a pessoa chegava lá e falava assim: “Pô, eu não sei se eu vou conseguir ser responsável de encarar essa responsabilidade.” A pessoa tem que ter coragem, cara, se você está numa coisa, você tem que ter responsabilidade, tem que correr atrás, viu...

B.M. – E o valor do trabalho hoje? O que é trabalhar para você?

L.H. – Ah, trabalhar, cara, eu sempre gostei de trabalhar mesmo, eu nunca... Sempre gostei, sempre aparece alguma coisa para eu trabalhar... “Tem isso para fazer”, pode ter certeza que eu vou... Se tiver de correr atrás, vender, arrumar um dinheiro, eu vou parar no sinal vender refrigerante... Se eu tiver precisando, eu vou, cara, com certeza. Para mim, o trabalho nunca foi... “Ah, trabalhar... Ah...” Trabalhar vai matar a pessoa de tanto trabalhar... Acredito não.

B.M. – Trabalho não mata?

L.H. – Não. [fazendo gestos negativos com a cabeça]

B.M. – E se tu pudesse resumir a nossa conversa, quem é o Luiz, quem é a pessoa que eu conheço, que eu conheci mais profundamente hoje, o Luiz, desde o seu nascimento, até o dia de hoje?

L.H. – O Luiz é uma pessoa trabalhadora com certeza... Trabalha desde os 12 anos de idade, tem 37 anos, sou um cara que se der para ajudar qualquer pessoa, eu ajudo... Sou um cara amigo mesmo, com certeza, um trabalhador, um cara que – com posso dizer? – se tiver que dar minha roupa para você vestir, eu dou, cara... Eu tenho poucos colegas, mas cuido do que tenho... É que você tem colega, não é, cara, mas tem uns também que... O Luiz é um cara que corre atrás, se tiver que correr atrás, para o que der e vier eu estou aí, cara... Não tem tempo ruim para mim, pode ter certeza. “Vamos ali, Luiz, fazer isso, fazer aquilo...” Comigo não tem tempo ruim mesmo, pode ser de dia, de noite, qualquer hora eu estou aí...

B.M. – Legal. Luiz, eu acho que a gente já conversou... Queria dizer alguma coisa, queria falar mais alguma coisa...?

L.H. – É, é a primeira vez que acontece isso, a entrevista, ainda estou meio... Não sei se eu falei bobeira, mas eu acho que não falei bobeira... Sei lá, às vezes tem alguma coisa que eu deixei de falar, que eu esqueci... Foi legal, gostei, achei que ia ficar mais nervoso [risos], também sou meio tímido, meio nervoso, mas... Nervoso não, meio tímido, não é? É isso aí.

B.M. – Legal. Acho que... Queria te agradecer por ter me recebido aí na tua casa, aberto as tuas portas, acho que ficou fantástico, eu pude traçar um

história de vida de um trabalhador brasileiro, e que esse teu depoimento sirva aí para...

L.H. – Se der para ajudar, depois qualquer coisa... Se tiver que fazer outro, eu faço.

B.M. – Conto com a tua colaboração. Obrigado, Luiz

L.H. – Valeu!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

## Caderno de campo

Conheci meu entrevistado através do meu cunhado. Interessei-me por sua história de vida, mais especificamente, sua relação com o mundo do trabalho, primeiramente por seu aspecto solícito e seu comportamento sempre amável e prestativo. Num segundo momento, soube, através de conversas sobre o meu entrevistado, que o mesmo trabalhava em dois empregos, sendo o seu tempo de descanso de aproximadamente 4 horas diárias de sono. Sua história me despertou duas curiosidades principais. A primeira diz respeito à indagação: qual a sua ocupação, qual a trajetória de uma pessoa que, hoje em dia, tem a oportunidade de conseguir seu sustento em dois empregos? A segunda estaria no pouco tempo que, a princípio, teria para o descanso e para outras atividades.

Meu entrevistado, Luiz Henrique, reagiu ao ser contatado de forma, mais uma vez, solícita, porém com a nítida e expressa dúvida a respeito da validade e importância de seu testemunho. Tenho a impressão que contribuiu para tal reação a maneira como, mesmo à distância, meu entrevistado me considera: um “intelectual” ocupado demais a ponto de realizar uma entrevista com ele. Certamente, muito de exagero da sua parte e de descrições familiares e, conseqüentemente, tendenciosas sobre mim, contribuíram para a sua avaliação da situação. Disse-me ao telefone: “minha vida não tem nada demais”. Retruquei dizendo que a história dele era interessante como a de qualquer pessoa. Tentei explicar que o objetivo de projetos como este, que agora desenvolvo no curso de História Oral, era democratizar a História, relatando a vida das pessoas comuns, dando voz a quem, tradicionalmente, nunca teve. Contar e interpretar o cotidiano.

As minhas primeiras impressões acerca do meu entrevistado foram preocupantes. Aliada à insegurança de um novato na prática da entrevista estava a impressão de um futuro contato com uma pessoa extremamente tímida e reservada, afinal, um mínimo de relação anterior já havia se estabelecido. Tal contato anterior com o Luiz me preocupava.

Realizei a entrevista na casa do entrevistado. A preocupação dele era tanta, que ele próprio pediu para que a esposa saísse de casa, para que ficássemos mais à vontade. Novamente pediu-me explicações sobre o objetivo da entrevista e eu, prontamente, expliquei. A relação entrevistador-entrevistado se deu de maneira muito amistosa, mas, um tanto, apreensiva. Estávamos sozinhos. Ele nervoso e eu ansioso. O local era agradável – na sua sala – porém um pouco barulhento, já que a sua janela dava para a rua.

A entrevista corria muito bem. Luiz estava falando, mais “solto”. Co certeza, por causa da minha explicação sobre o objetivo do projeto – entrevistar trabalhadores – procurou conduzir seu depoimento articulando-o ao seu cotidiano de trabalho. Emocionou-se logo no começo falando de sua família. Contou-me sobre a sua trajetória de vida e profissional com alguma riqueza de detalhes. Tudo mudou com o fim do primeiro lado da fita. Quando o entrevistado lembrou que estava sendo gravado, novamente se intimidou. O restante da entrevista foi guiada com muita dificuldade. O entrevistado simplesmente não respondia com toda a desenvoltura da primeira meia-hora. A todo o momento eu tinha que intervir fazendo perguntas ou induzindo respostas. Complicado.

No final da entrevista me agradeceu e perguntou mais uma vez se o seu relato de vida tinha sido proveitoso para mim. Prontamente se dispôs a assinar a carta de cessão de direitos, não impondo restrições algumas. Depois, com o gravador desligado, Luiz não parou de falar. Aliviado, falou ainda sobre o seu trabalho na lanchonete com o seu pai, agora revelado alcoólatra. Contou-me

sobre um tempo em que vendia picolé na praia. A todo o momento dizia-me: “pôxa! Poderia ter falado sobre isso”. Falou sobre o seu irmão, aconselhando-me a também conhecê-lo. Mostrando a pequena reforma que tinha feito na sua casa, disse-me que trabalhou durante 53 dias ao lado de um pedreiro. Segundo Luiz, descansava entre os escombros, enquanto ajudava na obra. Finalizou dizendo: “passei muita coisa nessa vida. Sou sofrido, mas sou guerreiro!”. Mas era tarde demais, o gravador já tinha sido desligado. A hora da sua saída para o trabalho se aproximava. No fim de semana não poderíamos continuar já que ia pescar com os amigos. Acho que perdi mais relatos interessantes.

Fora os problemas com a relação indivíduos-gravador tudo o mais na entrevista foi interessante. Acho que consegui contemplar algumas discussões sobre o mundo do trabalho e a relação entre trabalhador e identidade no Brasil de hoje propostas pelo curso de História Oral na UFF, com a orientação do professor Marcos Alvito. Fiquei um pouco frustrado com a minha primeira atuação como entrevistador, mas extremamente empolgado com as possibilidades oferecidas pela História Oral.

### **RESUMO – Lado A**

O entrevistado fala da sua relação com a família. Num primeiro momento, conta sobre os ascendentes: avós e pais. Conta sobre separações, mortes e perdas. Fala sobre o seu local de origem e de lugares onde morou. Lembra da escola que mais lhe marcou e também aborda assuntos como religião. Comenta sobre o processo de formação de sua atual família: esposa e filha. Traça um panorama de seus primeiros empregos/ocupações até os dias de hoje. Descreve sua rotina de trabalho, o funcionamento da fábrica onde trabalha, bem como do seu segundo emprego, seu “bico”. Explica sobre a sua função profissional: operador de máquina de prensagem. Mostra grande comprometimento e confiança em relação ao seu emprego regular. Comenta ainda sobre as suas perspectivas para o futuro.

### **RESUMO – Lado B**

O entrevistado continuou falando dos seus empregos e ocupações. Comentou sobre demissões, acidentes pessoais, terceirizações, crescimento profissional, insalubridade e aposentadoria. Analisando o mercado de trabalho a sua volta agradeceu a segurança que hoje tem. Falou das perspectivas em relação a sua filha e a ele mesmo. Falou de sonhos e das escolhas da vida. Relatou o que achava ser o valor do trabalho se revelando uma pessoa comprometida com o esforço. Por fim tentou se definir enquanto pessoa e enquanto trabalhador.